

## A FRONTEIRA ENTRE A CRUZ E A ESPADA: IMAGOTIPOS DO FRONTEIRIÇO EM O DIA EM QUE O PAPA FOI A MELO E DON FRUTOS, DE ALDYR GARCIA SCHLEE

AUTOR: ALEXANDRE ANTONIO RAMOS MACIEL<sup>1</sup>; ORIENTADOR: JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>CLC/Mestrado em Letras – UFPel – alexandre.tull@gmail.com

<sup>2</sup>CLC/UFPel – jlourique@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Com a pretensão de problematizar duas obras do fronteiro escritor, tradutor, professor de comunicação e direito, desenhista e exímio futebolista de mesa Aldyr Garcia Schlee, é que este trabalho está em construção. Trata-se de um extrato da minha dissertação, que encontra-se em construção, através da discussão de alguns conceitos, dentre eles as relações entre a história e a ficção, as imagens fixadas através do discurso literário e, de modo mais panorâmico, as imbricações entre a literatura e a sociedade. No mesmo percurso, outras questões deverão entrar em discussão, como as (im)possíveis definições sobre o que é fronteira e as leituras acerca da regionalidade e pertencimento. O aqui é apresentado, portanto, tem como objeto de estudo as obras *Don Frutos* e *O dia em que o Papa foi a Melo*, de Aldyr Garcia Schlee, em busca da compreensão acerca de como se constituem as construções literárias e os elementos culturais fronteiriços nas duas publicações.

Para tanto, há necessidade de apontar a filiação teórica na Teoria da Crítica à Sociedade, da Escola de Frankfurt, além das reflexões posteriores, no que diz respeito das relações entre o social e o ficcional. Dois autores são pertinentes para este fim: Antonio Candido, com *Literatura e Sociedade* (2000), que afirma que os fatores sociais importam para a compreensão estrutural da obra literária, e Ángel Rama, com *Literatura, cultura, sociedad en América Latina* (2006), que afirma ser ingenuidade querer realizar uma leitura isolada, desconsiderando o contexto.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho é comparatista, a partir do que é apresentado por CARVALHAL (1994), que discute as relações intertextuais da construção de uma obra em uma “rede de 'relações diferenciais' firmadas com os textos literários que a antecedem, ou são simultâneos, e mesmo com sistemas não-literários”.

Também está presente no processo de cotejamento entre as relações sociais e o discurso literário, as reflexões acerca da *interdiscursividade* de BAKHTIN (2012), para quem “todo discurso dialoga com outros discursos”.

Outros textos que servem de base para as reflexões são relativos ao *entrecruzamento* entre a história e a ficção (RICOEUR, 2010) e *O texto histórico como artefato literário* (WHITE, 2001), das relações entre a história e a literatura; Da imagologia literária, as reflexões apresentadas por dois autores: Hugo Dyserinck (*online*) e Celeste H. M. Ribeiro de Sousa (2010).

Portanto, a leitura e análise das obras *Don Frutos* e *O dia em que o Papa foi a Melo* ocorre em paralelo com a leitura de outros discursos, de outros textos e suas relações, internas e externas, no sentido de campo de pertencimento.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente, foram feitas as leituras dos objetos de estudo, além dos textos teóricos e críticos que fundamentam as reflexões até aqui. No entanto, seria interessante utilizar o espaço para apresentar uma leitura sinóptica acerca dos dois textos, já com algumas observações pertinentes.

No dia em que o Papa foi a Melo, deu-se o mote para a produção da emblemática obra de Schlee. Trata-se da opção do escritor pela temática da ausência, um dos seus temas recorrentes, e que é tratada no livro *O dia em que o Papa foi a Melo* como se fosse um dia em que o Papa não necessariamente teria ido a Melo, ou quando souberam o dia em que o Papa iria a Melo. Estes fatos também apontam para uma indecidibilidade (DORFMAN, 2009). Par ilustrar o fator ausência, na *Apresentação* da versão do livro publicada no Brasil, há uma citação do crítico e editor uruguaio Heber Raviolo em que afirma: “O Papa, nestes contos, é uma presença que perpassa tudo e, ao mesmo tempo, uma grande ausência (...) é uma espécie de presença virtual.” (1999, p. 5)

Dez narrativas curtas independentes entre si compõem uma construção maior acerca da experiência da população de Melo, no Uruguai, no conhecimento do fato da presença do Pontífice da Igreja Católica na localidade.

Embora haja a independência entre as histórias, há ajustes que as atribuem certa unidade. O primeiro deles é o próprio título, que não por acaso é invariavelmente a primeira frase de cada texto, o segundo é a própria visita do Papa à cidade e sua ausência direta nos fatos narrados e o terceiro é o fato de cada conto ter um número como título, mas com uma sugestão em nota de pé de página, sugerindo o leitor que escolha.

O General Fructuoso Rivera y Toscana, primeiro presidente constitucional uruguaio e figura indispensável à compreensão do processo de formação da República Oriental, está em retorno ao país após longos anos de desterro no Brasil Império. No trajeto, realizado a cavalo, acaba por fixar-se, juntamente com sua comitiva, na cidade fronteiriça de Jaguarão, vizinha ao povoado do *Arredondo* (atual Rio Branco). Em 1853, naquele que “foi o pior inverno que Jaguarão teve” (p. 15), Rivera queda com intenção de restaurar seu estado de saúde para poder continuar até Montevideu. Durante a estada, desenvolve-se uma narrativa que acaba por estabelecer uma espécie de biografia ficcional, apresentando fatos novos e novas versões para os acontecimentos históricos que envolveram a figura emblemática da historiografia: o extermínio dos índios Charrua, a matança de cães da raça cimarrón, a relação com os governos do seu próprio país e com o Império do Brasil, além da participação decisiva no processo de transformação da Cisplatina brasileira na República Oriental del Uruguay. Tudo que é contado sai da voz de um narrador que tira proveito de documentos retirados do baú pessoal do General, como as correspondências à Bernardina, esposa de Rivera, ou das instituições de maior relevância na localidade, além do testemunho.

### 4. CONCLUSÕES

A problematização a que se propõe este trabalho direciona, até o momento, para a discussão em que se interpõem, lado a lado, os fatos que envolveram a presença de Rivera em Jaguarão e do Papa em Melo, tanto no aspecto histórico factual, quanto no ficcional. Aponta-se a construção de populações através, de um lado, a estratégia militar, que conquista o território e estabelece seus limites; de outro, o fator que auxilia a fixação de traços

identitários, assim como a construção simbólica do passado. A Cruz, símbolo do Catolicismo, ao lado da Espada do Caudilhismo.

A análise perpassa pela chegada de um homem de fora que expõe imagens da localidade através do discurso utilizado para apresentar os acontecimentos: Frutos esteve em Jaguarão, o que desperta interesse de um “documentarista” em relação ao fato, chegando à cidade e expondo seus hábitos; uma rápida passagem de João Paulo II à pequena Melo chama a atenção de um “jornalista” que vai ao local observar o efeito da visita, acabando por exibir o modo de vida da população. Neste ponto, o entrecruzamento do foco narrativo, sendo que no primeiro é em um indivíduo e sua visão dos fatos, e o segundo nas pessoas comuns que cercam o fato histórico, observando como relacionam-se com o evento.

A festa a que foi recebido Rivera e o fato de Melo “ser uma festa”, embora ambas tenham sido frustradas, cada uma por seu motivo, também parte da estratégia de exposição. Os elementos culturais, os imagotipos e as relações vão se estabelecendo e dialogando, como na comparação da tentativa de receber o Caudilho à recepção ao Duque de Caxias, mas com poucos “espocar de foguetes” ou com o fato de a esperança depositada na presença do “Santo Padre” acabe aprofundando ainda mais a condição miserável da maioria dos moradores de Melo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000. [primeira edição em 1965].
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- \_\_\_\_\_, Tânia. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. In: **Revista brasileira de literatura comparada**, v.I, n.1, Niterói, UFF, março, 1991. Disponível em <http://www.abralic.org.br/htm/revista/revista-01.jsp>, acesso em: 30 de mar. 2011.
- DYSERINCK, Hugo. Coletânea de Ensaios. Disponível em [http://www.rellibra.com.br/sumario\\_imagologia1.html](http://www.rellibra.com.br/sumario_imagologia1.html), acessado em 06/10/2013.
- DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. In: **Revista Digital Estudios Históricos**. n. 1, 2009. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3010815>>. Acesso em: 22 jan. 2010.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RICOEUR, Paul. A ficção e as variações imaginativas sobre o tempo; O entrecruzamento da história e da ficção. In: **Tempo e narrativa**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (V.3 [pp. 214-235; 310-328]);
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Don Frutos**. Porto Alegre: Ardotempo, 2010;
- \_\_\_\_\_. **El día en que el Papa fue a Melo**. 1. ed. Montevideu, Uruguai: Ed. de la Banda Oriental, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O dia em que o Papa foi a Melo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. **Do lá e do cá: introdução à imagologia**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.
- WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso: ensaios sobre a Crítica da Cultura**. Trad.: Alípio Correia de Franca Neto. - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.